

NA ESCOLA DE *Garabandal*



O ESPÍRITO, O TRIGO E A PACIÊNCIA DE DEUS

Veni + PAX

Ave Maria, Regina Pacis

*Uma meditação da liturgia do XVI Domingo do Tempo Comum à luz da espiritualidade de
Garabandal*

A liturgia do XVI Domingo do Tempo Comum, no ciclo A, introduz-nos no mistério da paciência de Deus diante da fragilidade humana, da presença do mal na história e da silenciosa ação do Espírito Santo no coração dos fiéis. São Paulo afirma que “o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza”, porque nem sequer sabemos pedir convenientemente; o próprio Espírito intercede por nós com “gemidos inefáveis” e conduz a oração dos santos segundo a vontade de Deus. No Evangelho, Jesus apresenta as parábolas do trigo e do joio, do grão de mostarda e do fermento, revelando que o Reino de Deus cresce de modo escondido, atravessa a contradição do mal e somente alcançará sua manifestação definitiva no juízo de Deus.

Essas leituras oferecem uma chave particularmente fecunda para compreender a dimensão espiritual das mensagens de Nossa Senhora do Carmo em San Sebastián de Garabandal. Sem transformar uma revelação privada em critério interpretativo da Sagrada Escritura, pois é sempre a Escritura que julga, ilumina e situa toda experiência espiritual, pode-se reconhecer que o núcleo moral e ascético de Garabandal se encontra profundamente enraizado no Evangelho: oração,

penitência, conversão, reparação, amor à Eucaristia, meditação da Paixão de Cristo e súplica perseverante pela santificação da Igreja.

A própria autoridade eclesiástica de Santander reconheceu, já em 1965, que as recomendações espirituais difundidas em relação a Garabandal não continham doutrina censurável, pois constituíam uma exortação à oração, ao sacrifício, à devoção eucarística, à veneração tradicional de Nossa Senhora e ao santo temor de Deus. Isso não equivale ao reconhecimento da sobrenaturalidade dos acontecimentos, que não foi oficialmente constatada, mas permite considerar seus apelos espirituais à luz da doutrina comum da Igreja, sem antecipar juízos que pertencem à autoridade eclesiástica.

I. “O Espírito vem em socorro da nossa fraqueza”

A afirmação paulina de Romanos 8,26-27 situa a vida cristã sob o primado absoluto da graça. O homem não é capaz, por suas próprias forças, de produzir a santidade, discernir perfeitamente a vontade divina ou elevar a Deus uma oração proporcionada à grandeza do mistério. Até mesmo o seu desejo de conversão necessita ser purificado pelo Espírito. “Não sabemos o que pedir, nem como pedir”; entretanto, o Espírito Santo habita o coração do batizado e transforma sua indigência numa oração agradável ao Pai.

A fraqueza mencionada por São Paulo não é apenas cansaço psicológico, limitação física ou dificuldade circunstancial. Trata-se da condição profunda da criatura ferida pelo pecado, cuja inteligência é obscurecida, cuja vontade é enfraquecida e cujos afetos permanecem sujeitos à desordem. O homem deseja Deus, mas frequentemente deseja também aquilo que o afasta de Deus. Quer a salvação, mas resiste aos caminhos concretos da conversão. Pede a paz, mas conserva ressentimentos; pede a santidade, mas foge da cruz; deseja a presença divina, mas permanece disperso entre os ruídos, as imagens e os desejos do mundo.

Nesse ponto, a espiritualidade de Garabandal apresenta-se essencialmente como uma pedagogia da disponibilidade ao Espírito. A insistência na oração não se reduz à multiplicação exterior de fórmulas, mas visa criar no homem um espaço interior no qual Deus possa agir. Conchita transmitiu aos jovens uma orientação profundamente coerente com essa perspectiva: “Ela vos pede que tenhais espírito de penitência, de sacrifício e de oração. Sem essas armas, nada podemos fazer”.

A expressão “nada podemos fazer” não deve ser interpretada como pessimismo ou desprezo pelas capacidades humanas. Trata-se, antes, da confissão evangélica segundo a qual a obra da conversão é impossível sem a graça. A penitência, o sacrifício e a oração não substituem o Espírito Santo; são disposições pelas quais o homem deixa de resistir à sua ação. A oração abre o coração; a penitência combate o domínio desordenado dos sentidos; o sacrifício liberta a vontade do egoísmo; e o Espírito Santo, encontrando a criatura mais disponível, conforma-a progressivamente a Cristo.

Os “gemidos inefáveis” do Espírito podem ser compreendidos, nesse horizonte, como o clamor silencioso de Deus dentro da alma. Antes que o pecador chore por sua própria miséria, o Espírito já geme nele. Antes que a Igreja reconheça suas feridas, o Espírito já intercede em seu interior. Antes que a humanidade perceba o abismo para o qual caminha, o Espírito Santo já suscita profetas, santos, apelos maternos, movimentos de reparação e testemunhos de conversão.

Garabandal, considerado a partir de seu conteúdo espiritual, não convida primeiramente à curiosidade sobre acontecimentos futuros, mas à escuta desse gemido divino presente no coração da Igreja. A mensagem essencial não é: “procurai conhecer o futuro”, mas: convertei-vos, rezai, fazei penitência, aproximai-vos da Eucaristia, pedi perdão com sinceridade e meditai a Paixão do Senhor.

Essa prioridade aparece de maneira clara na primeira mensagem, tornada pública em 18 de outubro de 1961:

“Devemos fazer muitos sacrifícios, muita penitência e visitar frequentemente o Santíssimo Sacramento. Mas, antes de tudo, devemos ser muito bons. Se não o fizermos, virá um castigo. A taça já está se enchendo e, se não mudarmos, virá um castigo muito grande.”

A frase decisiva é: “Mas, antes de tudo, devemos ser muito bons”. Não basta multiplicar penitências exteriores se o coração permanece duro, orgulhoso ou injusto. Não basta visitar o Santíssimo Sacramento se não se deseja abandonar o pecado. Não basta falar de mensagens marianas se não se vive o Evangelho. A verdadeira bondade cristã não é mera correção social, mas docilidade ao Espírito, caridade concreta, pureza de intenção, fidelidade aos mandamentos e configuração a Cristo.

2. O gemido do Espírito e a oração da Mãe

A tradição católica contempla Maria como a criatura inteiramente dócil ao Espírito Santo. Em Nazaré, ela não apenas pronunciou palavras humanas; seu “faça-se” tornou-se expressão

perfeita da oração inspirada pelo Espírito. No Cenáculo, perseverou em oração com os Apóstolos, esperando o derramamento de Pentecostes. Em toda a sua existência, Maria foi a mulher cuja vontade permaneceu unida à vontade de Deus.

Por isso, toda autêntica espiritualidade mariana conduz à oração “segundo Deus”, mencionada por São Paulo. Maria não substitui a mediação única de Cristo nem a ação interior do Espírito; ela conduz o fiel a ambas. Sua maternidade espiritual consiste em formar nos discípulos a mesma disponibilidade que nela alcançou plenitude: “Eis aqui a serva do Senhor”.

À luz disso, os apelos de Garabandal devem ser lidos como uma escola de disponibilidade. Nossa Senhora não chama os homens a concentrarem-se nela como termo último da fé, mas a voltarem-se para Deus. A conversão, a adoração, a penitência, o perdão e a contemplação da Paixão são atos essencialmente cristocêntricos. A Mãe conduz ao Filho, aponta para o sacrário e suplica que os homens escutem a voz do Espírito.

Em uma oração datada de 1º de janeiro de 1967, atribuída a Conchita e conservada em seu diário, encontram-se palavras que revelam essa orientação interior: ela pede “o espírito de sacrifício e de oração”, a graça de receber a Comunhão com maior fervor e de visitar mais frequentemente o Santíssimo Sacramento. Pede também pelos enfermos, pelas almas do purgatório, pelos que difundem a mensagem e inclusive por aqueles que não desejam conhecê-la.

Essa oração é teologicamente significativa porque não transforma a experiência vivida em motivo de superioridade espiritual. Pelo contrário, desemboca na humildade, na intercessão e no reconhecimento da própria insuficiência. É precisamente essa a lógica de Romanos 8: o verdadeiro orante não se considera possuidor de Deus, mas pobre diante dele; não utiliza a oração para impor a própria vontade, mas pede que sua vontade seja introduzida na vontade divina.

3. “O Reino dos Céus é como um homem que semeou boa semente”

Na parábola do trigo e do joio, Jesus ensina que o mundo e a própria história da Igreja são campos nos quais crescem simultaneamente a boa semente e a erva daninha. O Filho do Homem semeia o trigo; o inimigo semeia o joio. A coexistência de ambos não significa que o bem e o mal possuam igual valor, nem que Deus permaneça indiferente. Significa que a história é o tempo da paciência divina, da conversão possível e do amadurecimento das escolhas humanas.

A pergunta dos servos — “Queres que vamos arrancar o joio?” — revela a impaciência religiosa. O homem deseja separar imediatamente bons e maus, puros e impuros, fiéis e infiéis. Deus, porém, conhece os corações e sabe que uma ação precipitada pode arrancar o trigo juntamente com o joio. A justiça divina não é negligente, mas paciente; não é permissiva, mas medicinal; não confunde a misericórdia com aprovação do pecado, mas oferece tempo para que o pecador se converta.

Essa parábola é indispensável para uma leitura equilibrada de Garabandal. Os elementos de advertência, castigo, correção e juízo não podem ser separados da paciência misericordiosa de Deus. O Senhor adverte porque deseja salvar. Corrige porque ama. Mostra a gravidade do pecado porque não quer a morte do pecador. Se a “taça” aparece como imagem da medida do pecado, a mensagem não termina na condenação, mas no apelo à mudança.

A segunda mensagem, datada de 18 de junho de 1965, contém precisamente essa tensão entre justiça e misericórdia. Nela se afirma que a primeira mensagem não havia sido suficientemente cumprida e que se dava cada vez menos importância à Eucaristia. Ao mesmo tempo, proclama-se: se os homens pedirem perdão a Deus com coração sincero, ele os perdoará; a Mãe declara seu amor e afirma não desejar a condenação de seus filhos; conclui-se com o convite ao sacrifício e à contemplação da Paixão de Jesus.

O centro teológico da mensagem não é, portanto, o medo pelo medo, mas a seriedade da liberdade humana diante da misericórdia oferecida. Deus é paciente, mas a história não é moralmente neutra. O trigo e o joio amadurecem. Cada decisão forma o coração; cada concessão ao pecado cria uma inclinação; cada ato de fidelidade fortalece a graça recebida. A paciência divina constitui tempo de salvação, não licença para a indiferença.

4. O joio não está apenas “no mundo”

Um dos riscos mais graves na recepção de mensagens proféticas consiste em identificar o joio exclusivamente com “os outros”: os incrédulos, os pecadores públicos, os inimigos da Igreja ou os responsáveis pelas crises sociais. Jesus, contudo, dirige a parábola aos discípulos. O campo é o mundo, mas a Palavra penetra também o coração de cada homem.

Existe trigo e joio no interior de nossas escolhas. Há em nós desejos sinceros de Deus e resistências ocultas à sua graça. Há generosidade e vaidade, amor e busca de reconhecimento, zelo e dureza, devoção e curiosidade, desejo de servir e vontade de controlar. A conversão começa

quando deixamos de utilizar a mensagem como denúncia dirigida somente aos outros e permitimos que ela ilumine nossa própria consciência.

Nesse sentido, o chamado de Garabandal à conversão não autoriza uma espiritualidade acusatória. A mensagem não deve ser empunhada como arma contra bispos, sacerdotes, fiéis ou instituições. Mesmo as afirmações severas da segunda mensagem acerca da crise no clero devem ser recebidas com temor, compaixão, oração e espírito reparador, nunca com satisfação diante da queda dos ministros de Deus.

A resposta autenticamente mariana ao pecado dos pastores é rezar por sua santificação, oferecer sacrifícios, reparar as ofensas e permanecer unido à Igreja. Maria estava aos pés da cruz quando os Apóstolos haviam fugido; não abandonou a Igreja nascente por causa da fragilidade de seus membros. O verdadeiro espírito de Garabandal não alimenta rebelião, desprezo ou suspeita permanente, mas converte a dor provocada pelo pecado em intercessão.

A parábola do trigo e do joio exige, portanto, discernimento. Nem tudo o que parece trigo possui raízes profundas, e nem toda alma aparentemente coberta pelo joio está definitivamente perdida. Somente Deus conhece a totalidade da pessoa. O fiel deve combater o erro sem usurpar o juízo definitivo sobre as consciências. Deve corrigir com verdade, mas também com lágrimas. Deve reconhecer a gravidade do pecado, mas jamais negar a possibilidade da conversão.

5. A paciência divina não elimina o juízo

Jesus explica que a colheita representa o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos. O Filho do Homem enviará seus anjos, e eles separarão aquilo que pertence ao Reino daquilo que se tornou obstáculo ao Reino. A parábola não termina numa conciliação indefinida entre bem e mal. Há uma separação final, pois a liberdade humana possui consequências eternas.

A espiritualidade contemporânea, por vezes, aceita facilmente a imagem de Deus como consolador, mas rejeita a imagem de Deus como juiz. Entretanto, a justiça divina não contradiz o amor. Se Deus tratasse o bem e o mal como equivalentes, não seria amoroso, mas indiferente. Se não levasse a sério o sofrimento das vítimas, a opressão dos inocentes e a obstinação do pecador, sua misericórdia seria vazia.

Garabandal recupera, em linguagem profética, esse sentido da seriedade escatológica da existência. Expressões como “a taça está transbordando”, “os últimos avisos”, “não quero a vossa

condenação” ou “pensai na Paixão de Jesus” recordam que a história caminha para uma manifestação definitiva da verdade.

Entretanto, é necessário insistir: o objetivo de uma advertência celeste não é produzir obsessão cronológica, especulação apocalíptica ou cálculo de datas. A finalidade é conduzir à conversão presente. A pergunta cristã não deve ser apenas “quando acontecerá?”, mas sobretudo: “como estou vivendo agora diante de Deus?”. A vigilância evangélica não consiste em decifrar calendários, mas em manter acesa a lâmpada da fé, perseverar na graça e cumprir fielmente os deveres de cada dia.

O cristão que fala continuamente de acontecimentos futuros, mas não perdoa, não reza, não se confessa, não participa dignamente da Eucaristia e não pratica a caridade, ainda não compreendeu o conteúdo essencial da mensagem. O maior sinal não é o extraordinário exterior, mas a transformação do coração.

6. O grão de mostarda: a pequenez escolhida por Deus

Jesus compara o Reino a um grão de mostarda: uma semente pequena que, depois de crescer, torna-se uma planta capaz de acolher as aves. A lógica de Deus começa frequentemente no pequeno, no escondido e no humanamente insignificante.

Essa lógica encontra forte ressonância na história de Garabandal: uma aldeia pobre e montanhosa, crianças sem influência social, caminhos simples, noites de oração, o toque de um sino, visitas ao sacrário, rosários rezados lentamente e uma mensagem de conteúdo elementar. Aos olhos do mundo, tudo parece pequeno. Contudo, o Reino de Deus sempre mostrou predileção pelo que é humilde: Belém, Nazaré, a manjedoura, a cruz, o pão e o vinho, os pescadores da Galileia.

A pequenez, entretanto, não prova por si mesma a origem sobrenatural de um acontecimento; mas constitui uma categoria profundamente bíblica. Deus escolhe o pequeno para confundir a autossuficiência dos grandes. Ele não depende do prestígio humano para realizar sua obra. O que importa é o fruto produzido: maior amor a Cristo, fidelidade à Igreja, conversão moral, vida sacramental, humildade, caridade e espírito de reparação.

O grão de mostarda também ensina que a conversão não acontece sempre de modo espetacular. Uma visita diária ao Santíssimo, um sacrifício escondido, um rosário rezado com

atenção, uma reconciliação procurada, uma confissão sincera, uma comunhão mais fervorosa: tudo isso pode parecer pequeno, mas carrega a potência secreta do Reino.

Conchita expressou essa centralidade eucarística ao dizer: *“No Santíssimo Sacramento encontrareis a força para assumir a vida que a Virgem Maria constantemente vos pede. Visitai frequentemente o Santíssimo Sacramento. Esvaziai os vossos corações das coisas terrenas que não vos permitem escutar Deus.”*

Aqui se encontra a dinâmica do grão de mostarda: entrar numa igreja, ajoelhar-se diante de uma pequena lâmpada e permanecer em silêncio parece um gesto insignificante diante das grandes crises do mundo. Todavia, diante do sacrário, uma alma é transformada; e uma alma transformada pode tornar-se instrumento para a transformação de muitas outras.

7. O fermento escondido na massa

O Reino também é semelhante ao fermento que uma mulher mistura em grande quantidade de farinha, até que toda a massa fique levedada. O fermento age interiormente, em silêncio, sem espetáculo. Essa imagem completa o ensinamento do grão de mostarda: o Reino não apenas cresce a partir do pequeno, mas transforma a realidade de dentro para fora.

A vida de oração descrita em Romanos 8 possui essa mesma característica. O Espírito Santo atua no íntimo da alma. Seus gemidos não são necessariamente percebidos exteriormente. Muitas vezes, enquanto nada parece mudar, Deus está levedando afetos, purificando intenções, quebrando resistências e preparando decisões futuras.

A espiritualidade de Garabandal não pode ser reduzida aos fenômenos extraordinários atribuídos às aparições. Seu fruto mais profundo deve ser o fermento de uma vida eucarística e penitencial que penetra o cotidiano. Uma pessoa verdadeiramente tocada por essa espiritualidade deve tornar-se mais paciente, mais obediente, mais misericordiosa, mais fiel à oração e mais consciente da presença de Deus.

O fermento da conversão precisa entrar na família, na vida sacerdotal, nas comunidades, nos ambientes profissionais e nas relações concretas. A mensagem perde sua força quando permanece apenas como assunto de conversas religiosas. Ela se torna fecunda quando modifica a maneira de falar, julgar, trabalhar, sofrer, perdoar e amar.

8. “Dá-se cada vez menos importância à Eucaristia”

Entre as afirmações mais graves da segunda mensagem de Garabandal encontra-se a denúncia da perda de importância atribuída à Eucaristia.

Essa advertência deve ser compreendida em sentido teológico e não apenas devocional. Dar menos importância à Eucaristia não significa somente diminuir o número de visitas ao Santíssimo ou participar menos frequentemente da Missa. Significa perder a consciência de que a Eucaristia é o próprio Cristo presente, o memorial sacramental de seu sacrifício, o alimento da vida eterna e o centro da existência da Igreja.

Pode-se celebrar exteriormente a Eucaristia e, ainda assim, tratá-la com pouca importância interior. Isso acontece quando se comunga sem fé, sem arrependimento, sem preparação, sem ação de graças e sem desejo de conversão. Acontece quando a liturgia é tratada como espetáculo, instrumento ideológico ou simples encontro comunitário. Acontece quando o sacrário se torna periférico e a presença real deixa de ordenar a arquitetura interior da vida cristã.

A Eucaristia é também a resposta de Deus ao trigo e ao joio existentes em nós. Na comunhão sacramental, o trigo divino — o Corpo entregue de Cristo — é semeado em nossa pobreza. Recebemos aquele que venceu o pecado, mas continuamos chamados a cooperar com sua graça. A comunhão não atua magicamente; exige fé viva, estado de graça e abertura à transformação.

Visitar o Santíssimo Sacramento, como pede a primeira mensagem, significa colocar-se diante da presença real de Cristo e permitir que seu olhar revele o joio oculto no coração. A adoração é escola de verdade. Diante da Hóstia, as máscaras perdem sua utilidade. O homem descobre que é amado, mas também chamado a mudar; perdoado, mas não autorizado a permanecer no pecado; acolhido, mas enviado a uma vida nova.

9. “Pensai na Paixão de Jesus”

A segunda mensagem termina com um apelo essencial: “Pensai na Paixão de Jesus”.

Essa frase oferece a chave cristológica para toda a espiritualidade de Garabandal. A Paixão revela simultaneamente a gravidade do pecado e a infinitude da misericórdia. Se quisermos saber o que o pecado produz, devemos olhar para a cruz. Se quisermos saber até onde vai o amor de Deus, devemos igualmente olhar para a cruz.

Na cruz, o trigo perfeito, Cristo, aceita ser lançado à terra e morrer para produzir muitos frutos. Ali, o joio do pecado humano manifesta sua força destrutiva: traição, mentira, covardia, violência, injustiça religiosa e política. Contudo, o mal não possui a última palavra. Cristo transforma a própria morte em oferta, o sofrimento em redenção e o aparente fracasso em vitória.

Meditar a Paixão impede que a penitência se torne voluntarismo sombrio. O cristão não se sacrifica para comprar o amor de Deus, mas porque já foi amado por Cristo até o fim. A penitência não é autopunição, mas participação no amor crucificado. A reparação não acrescenta algo à suficiência da cruz, mas permite que o discípulo se associe, pela graça, à oferta redentora do Senhor.

Os “gemidos inefáveis” do Espírito são também os gemidos da criação e da Igreja unidos ao gemido de Cristo crucificado. O Espírito forma no fiel os sentimentos do Filho, fazendo-o rezar não apenas por si, mas pelos pecadores, pelos sacerdotes, pela Igreja e pelo mundo.

10. O lugar dos anjos na colheita e em Garabandal

Na explicação da parábola, Jesus afirma que os ceifeiros são os anjos. Eles aparecem como ministros da justiça divina e servidores do desígnio escatológico de Deus. A Sagrada Escritura apresenta os anjos não como figuras decorativas, mas como criaturas espirituais que adoram a Deus, servem aos seus planos e assistem o povo da Aliança.

Na narrativa de Garabandal, São Miguel Arcanjo ocupa posição relevante, especialmente na transmissão da segunda mensagem atribuída a Nossa Senhora. Essa presença remete à dimensão de combate espiritual própria da tradição bíblica. São Miguel é aquele que combate contra o dragão não por força autônoma, mas em defesa da soberania de Deus.

A espiritualidade ligada a Garabandal deve, por isso, conservar um sentido profundo do combate espiritual, mas evitando imaginar esse combate em termos meramente externos. A batalha principal acontece no coração: entre a obediência e a rebelião, a humildade e o orgulho, a graça e o pecado, a adoração e a idolatria, a verdade e o autoengano.

Os anjos da colheita recordam também que o juízo pertence a Deus. O homem não é o senhor da colheita. Pode anunciar a verdade, corrigir fraternalmente, chamar à conversão e proteger a comunidade do erro, mas não pode antecipar a sentença eterna sobre as pessoas. Essa reserva escatológica é necessária para que o apostolado não se transforme em tribunal das consciências.

II. A verdadeira resposta a Garabandal

A resposta adequada às mensagens de Garabandal não consiste em entusiasmo superficial nem em rejeição precipitada. Consiste em submeter tudo à fé da Igreja e acolher aquilo que conduz com segurança ao Evangelho. A Revelação pública foi plenamente oferecida em Jesus Cristo e transmitida na Sagrada Escritura e na Tradição. Nenhuma revelação privada pode corrigir, completar ou substituir o Evangelho. Sua possível função é ajudar os fiéis a viver mais intensamente, em determinado contexto histórico, aquilo que Deus já revelou definitivamente em Cristo.

Assim, a adesão a Garabandal jamais pode tornar-se condição de pertença à Igreja, medida da ortodoxia ou motivo de divisão entre os fiéis. Deve conservar-se uma liberdade respeitosa diante dos acontecimentos não definitivamente reconhecidos, acompanhada de obediência ao legítimo discernimento eclesial. Entretanto, ninguém necessita aguardar uma definição sobre a sobrenaturalidade dos acontecimentos para reconhecer o valor evangélico de rezar, fazer penitência, visitar o Santíssimo, viver santamente, pedir perdão, meditar a Paixão e suplicar pela santificação dos pastores. Essas práticas pertencem ao patrimônio seguro da fé católica.

A melhor defesa de Garabandal não é a polêmica, mas a santidade. O argumento mais convincente não é a acumulação de relatos extraordinários, mas uma vida transformada. O verdadeiro membro de um apostolado mariano deve ser reconhecido por sua caridade, comunhão eclesial, humildade, zelo eucarístico e fidelidade aos deveres do próprio estado.

12. “Então os justos brilharão como o sol”

A parábola termina com uma promessa luminosa: “Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai”. A última palavra não pertence ao joio, ao pecado, à crise, ao castigo ou à morte. Pertence à glória dos filhos de Deus. A escatologia cristã não é uma espiritualidade do terror, mas da esperança responsável. O juízo é grave, porém é o juízo daquele que entregou a própria vida pelos pecadores. Aquele que virá como juiz é o mesmo que foi crucificado por amor. Suas chagas permanecem eternamente como testemunho de que Deus fez tudo para salvar o homem, sem destruir sua liberdade.

A espiritualidade de Garabandal deve ser sempre conduzida a esse horizonte pascal. Maria não vem para ocupar o lugar de Cristo, mas para chamar seus filhos de volta a ele. Não deseja sua condenação, mas sua conversão. Não os conduz ao desespero, mas ao sacrário, ao confessional, à cruz e à oração.

O Espírito vem em socorro da fraqueza humana. O trigo cresce silenciosamente em meio ao joio. O grão de mostarda torna-se árvore. O fermento transforma toda a massa. A paciência de Deus oferece tempo para a conversão. A Eucaristia sustenta os peregrinos. A Paixão revela o preço de nossa salvação. Maria intercede como Mãe. Os anjos servem ao plano divino. E a história caminha para o dia em que toda verdade será revelada.

Por isso, diante da liturgia deste domingo e do apelo espiritual de Garabandal, a pergunta mais importante não é se sabemos decifrar os sinais dos tempos, mas se permitimos que o Espírito Santo decifre e transforme nosso próprio coração.

Talvez não saibamos rezar como convém. Talvez nossa fé seja pequena, nossa penitência insuficiente e nossa caridade ainda misturada ao joio do egoísmo. Mas o Espírito intercede por nós. Maria nos chama. Cristo permanece no sacrário. A porta da misericórdia continua aberta.

É tempo de voltar a Deus. É tempo de pedir perdão com coração sincero. É tempo de recuperar a centralidade da Eucaristia. É tempo de oferecer sacrifícios ocultos, fazer penitência e meditar a Paixão de Jesus. É tempo de deixar que o Espírito Santo transforme nossos gemidos numa oração segundo Deus e nossa vida, ainda tão pobre, em trigo destinado ao celeiro eterno. “Quem tem ouvidos, ouça”. Me perdoe pelo texto longo, mas é que Garabandal é uma fonte inesgotável de autêntica vida espiritual: mergulhemos nessa água viva!

Da pequena Cidade de Maria, com orações e minha bênção sacerdotal +

Pe. Viana